

## A BATALHA FINAL

### SENADOR DANIEL INOUE

Itália, 1945. Quando o primeiro e o segundo pelotões da Companhia E da Quadragésima Segunda Equipe do Regimento de Combate Nipo-Americano se aproximaram das defesas alemãs, podíamos ouvir o ruído de tiros de fuzil e, de vez em quando, uma metralhadora disparar à direita.

Então tudo começou, metralhadoras e granadas devolvendo os ataques em violentas saraivadas. Fui atingido por uma bala na barriga, mas continuei a me movimentar, conduzindo meus homens e ainda lançando granadas.

Quando levei meu braço para trás, num relance de luz e escuridão, eu o vi, o alemão sem rosto, como uma tira de filme rodando num projetor desregulado. Num instante eu podia vê-lo até a altura da cintura, em pé, na casamata e, no seguinte, ele estava apontando para meu rosto um rifle com lança-granadas, a uma distância de menos de dez metros. Mesmo eu levantando o braço para lançar a granada, ele atirou e sua granada explodiu no meu cotovelo direito. Olhei para meu braço pendurado e vi minha granada pendendo de um punho que, de repente, não me pertencia mais.

Passou-se um tempo e, finalmente, o socorro veio e me aplicaram uma injeção de morfina. Então me levaram para o pé da montanha.

Era o dia 21 de abril. A resistência alemã no nosso setor acabou no dia 23 de abril. Nove dias depois, a guerra na Itália tinha terminado e, uma semana depois disso, o inimigo se rendeu incondicionalmente.

Eu ainda tinha outra guerra pela frente. Quando se convenceram de que eu não ia morrer, fui transferido para o hospital-geral de Leghom. E foi lá, no dia 1 de maio, que amputaram meu braço direito. Não foi, emocionalmente, um grande problema para mim. Sabia o que ia acontecer e, de fato, por um tempo, parara de pensar no braço como se ele me pertencesse. Mas aceitar o fato e enfrentar a reabilitação eram coisas completamente diferentes. Eu me acostumei com a ideia antes da operação. Minha reabilitação começou quase imediatamente após.

Estava olhando para o teto na tarde do meu primeiro dia como amputado quando uma enfermeira chegou perto da cama e perguntou se eu estava precisando de alguma coisa.

- Um cigarro cairia bem - eu disse.

- Claro - ela sorriu e se afastou, retomando em alguns minutos com um pacote novinho de Camels. - Tome aqui, tenente - disse, ainda sorrindo, e simplesmente colocou o maço sobre meu peito e continuou a fazer seu trabalho. Por um instante, fiquei apenas olhando. Então toquei o maço com os dedos da mão esquerda, tentando imaginar como seria se eu resolvesse me aventurar a abri-lo com uma só mão. Olhei pela ala para ver se havia alguém ali que estivesse bom o suficiente para me ajudar, mas todos pareciam tão mal quanto eu: naturalmente aquela não era a ala reservada para oficiais com problemas de pé-de-atleta e cãibras. Então comecei a manusear sem jeito aquele maldito maço, segurando-o sob o queixo e tentando abri-lo com as unhas. Ele continuava a escorregar e a se afastar, eu tentando pegá-lo, suando com raiva e frustração, como se estivesse fazendo uma marcha forçada. Em quinze minutos consegui rasgar em pedaços o maço e metade dos cigarros, mas finalmente consegui

colocar um deles entre meus lábios. Foi quando percebi que a enfermeira não me trouxera fósforos.

Toquei a campainha e ela veio se requebrando, sorrindo, ainda com aquela aura de animação que me fez ter vontade de lhe dar um soco.

- Preciso de um fósforo - eu disse.

- Ah, claro que precisa - ela disse, encantadora. Tirou uma caixinha de fósforos do bolso e cuidadosamente a colocou na minha mão. E foi embora novamente!

Se tivesse seguido meu primeiro impulso, teria gritado com ela, com raiva. Se tivesse seguido o segundo, teria começado a chorar. Mas, encaremos a situação, eu já era bem crescido, um oficial, e não podia deixar uma enfermeira qualquer levar a melhor. Simplesmente não podia.

Então comecei a tentar me entender com os fósforos. Eu segurava a caixa, a empurrava, virava e a deixava cair, sem nunca conseguir pegar um dos fósforos, muito menos acendê-lo. Mas, àquela altura, decidira que preferia ferver em óleo a pedir a ela qualquer coisa novamente. Então fiquei ali deitado, enfurecido, tendo pensamentos pouco cristãos em relação ao anjo da misericórdia.

Eu estava quase cochilando quando ela apareceu novamente, sempre sorrindo.

- Qual é o problema, tenente? - perguntou, com um tom de satisfação. - Decidiu deixar de fumar? Ah, mas isso é bom... cigarros fazem tossir e...

- Não consegui acender a porcaria.

Ela fez um estalido com a língua, lamentando não ter pensado nisso e sentou-se graciosamente na beirada da cama.

- Eu devia ter imaginado - ela disse, tirando da minha mão a caixa de fósforos destrocada. - Alguns amputados gostam de tentar por si mesmos. Isso lhes dá uma sensação de, digamos, realização. Mas não tem importância. Há muitas outras coisas que o senhor vai aprender sozinho. Nós apenas damos a partida.

Olhei para ela embasbacado. Eu sequer sabia sobre o que ela estava falando. A partida em quê? Quem precisava dela?

- Olhe, apenas acenda o cigarro, está bem? Faz três horas que estou tentando fumar esse troço - rosnei.

- É, eu sei. - Nada a alterava. Realmente nada. - Mas o senhor entende. Não vou estar por perto o tempo todo para acender seu cigarro. O senhor não pode depender de outras pessoas. Agora tem apenas uma mão para fazer tudo o que antes fazia com duas. E tem de aprender como. Vamos começar com os fósforos, está bem?

Ela abriu a caixa, uma daquelas que têm tampa, dobrou um fósforo para a frente, fechou a parte de cima, fez um movimento rápido com o fósforo para baixo e o acendeu. Tudo com uma só mão, em meio segundo.

- Viu só? - ela disse.

- Vi - disse num sussurro.

- Agora é a sua vez.

E eu consegui. Acendi o cigarro. E imediatamente ela deu um sorriso sincero. Foi adorável. Gostaria de me lembrar de seu nome - jamais me esquecerei de seu rosto -, mas tudo que lembro é que era de Eagle Pass, Texas, e, no que me diz respeito, a melhor das malditas enfermeiras do Exército dos Estados Unidos.

Num instante me fizera ver o trabalho que eu tinha pela frente e, nas semanas seguintes, encontrou mil maneiras sutis de me ajudar a lidar com isso. E, no ano e meio que levei para voltar a ser um cidadão com capacidade plena, ninguém jamais fez alguma coisa mais importante para mim do que aquela enfermeira na tarde em que me mostrou como acender um cigarro. Na tarde em que minha reabilitação começou.